

Na última vez . . . *

Basileu Garcia

Catedrático de Direito Penal na Faculdade
de Direito da Universidade de São Paulo.

Na última vez em que vos encontrei coletivamente, havíeis ultrapassado quase tôdas as barreiras do curso e íeis iniciar o 5.º ano. Eu, que vos conduzira até a penúltima série escolar, me despedi com emoção, para retornar às primeiras letras do Direito Penal, a serem ministradas aos neófitos que acabavam de deixar o calourato.

Notastes aquela emoção, que não é aqui referida como figura de retórica. Tivéramos tempo para que entre o professor e os alunos se estabelecesse uma leal amizade, pelo mútuo entendimento num trabalho em que os nossos esforços se irmanavam. Quando me dissestes que agradecíeis pelo que aprendestes, respondi que vos era grato pelo que me havíeis ensinado. Realmente, o exercício do magistério é uma constante aquisição de conhecimentos. Proporciona uma aprazível experiência, em que o convívio com os moços, se não formos impermeáveis às sugestões do ideal e da esperança, nos aponta os rumos que devem ser renovados.

Ficára-vos eu devedor por muitas gentilezas, demonstrações inumeráveis de estima. E a dívida, paulatinamente contraída, agravou-se ao extremo e de modo inesperado quando me elegestes paraninfo. Não vejo como pagá-la, e penso que jamais o conseguirei. Confesso, de público, a minha insolvência.

*. Discurso de paraninfo, na colação de grau dos bacharelandos de 1962.

Aproveitando tôdas as economias, talvez vos compensasse em pequenina parte a generosidade, se pudesse articular neste instante algo que fizesse falta, que vos fôsse útil, que pudesse atuar nas vossas futuras reminiscências como o elixir da longa vida da coragem, do estímulo e da fé, ao mesmo passo bússola e inspiração. Mas, pobre do paraninfo, êle não atina sequer com a conveniente expressão do grande afeto que dedica aos discípulos de três anos, que agora partem! Quanto mais a exortação edificante ou o conselho propício capaz de sanar uma lacuna...

Sem ilusões acêrca do préstimo destas frases, desejo que as recebais cômoo se foram unicamente um aceno, muito sincero e, em consequência, muito simples, de saudade entretecida de júbilo e tristeza. Não há estranhar a concomitância de impressões tão díspares.

Conforta verificar que alcançastes o prêmio dos vossos estudos, colando grau como bacharéis em ciências jurídicas e sociais. É a concretização de um sonho demoradamente acalentado por vós e pelos que vos são caros. Êles vos seguiram amorosamente nessa porfia, desde a denodada preparação que vos habilitou a escolher uma carreira, e hoje se acham neste recinto para aplaudir-vos. Por muito que os inimigos dos bacharéis tentem obscurecer êsse triunfo, a sua importância resplandece como uma vigorosa e indissimulável verdade.

Nenhuma outra profissão lícita, como a nossa, já suscitou tanta malquerença. Há quem acoime o bacharel de responsável por tudo quanto de mau acontece na face da Terra e especialmente em nosso país. Já se cuidou, sarcásticamente, de eliminá-lo, como providência de salvação nacional. Suprimi-lo afastaria — eis a diabólica maquinação — os problemas que nos conturbam, fruto mofino, conforme se supõe, da alicantina e do sofisma, que seriam o caldo de cultura onde viceja a nossa detestada fauna. Os dicionários, noticiando o que se murmura, registram, com acepções agressivas, os têrmos bacharelismo e bacharelíce.

Por incrível que pareça, até o bacharel-legislador, de quando em quando, se deixa imbuir dêsse preconceito, ao promulgar dispositivos em que manda proceder-se às escondidas do bacharel-advogado, receando, é óbvio, que a sua intervenção complique as soluções fáceis, anuvie as idéias do bacharel-juiz, ou mesmo tolha, a êle bacharel-legislador, a comodidade de editar ao seu talante as normas de conduta. Há, nas bibliotecas, exemplares de estatutos desfechados de surpresa, antes que nos meios forenses se pudessem balbuciar objeções.

É a prova de que a infiltração, cada vez mais profunda, dessa idiossincrasia, gera um perigoso quintacolonismo, capaz de minar a resistência com que combatemos pelo nosso lugar ao sol.

Se hem analisarmos a deformada perspectiva que essa hostilidade retrata, concluiremos que envolve o reconhecimento de muitas das virtudes da gente da nossa grei.

Irrita, inicialmente, a onipresença do bacharel, que surge em todos os lugares e que, como classe, parece ter o dom da ubiqüidade. Das profissões liberais e do professorado, êle se alastra para a administração pública, a política, as finanças e os negócios, revelando uma versatilidade de aptidões que alguns rotulam, malèvolamente, de ignorância enciclopédica, mas que é poder de simbiose e capacidade de se adaptar, como desdobramento de uma formação intelectual aberta às mais variadas solicitações das necessidades públicas. Os que lhe increpam a demasia das andanças invejam-no, secretamente.

Via de regra modesto, o bacharel-tipo não se considera proprietário de nenhuma sapiência hermética. Razoável, proclama os seus desacertos e tenta consertá-los. Não se veste com penas de pavão. Agrada-lhe mais a indumentária sóbria de quem não depende das aparências.

Convém não trazer a confronto representantes de outras profissões, incontestavelmente mais senhores de si, mas, por isso mesmo, sem essa humildade característica de quem, como o bacharel, um dia ensaiou o seu vôo de aprendiz,

adivinhou, timidamente, o infinito da estratosfera jurídica e se convenceu, recolhido, da sua insignificância atômica, embora sem desconhecer que o átomo é uma parcela fundamental do cosmos.

A hipertrofia do seu gôsto pelas controvérsias entrosa-o com pertinência na dinâmica judiciária, na qual, sem a irrequietude do discutidor inconformado, faltaria uma peça essencial. Os desvios da sua argumentação, quando resvalarem para ilogismos e até culminem em aberrações gritantes, refletem, quase sempre, o sadio empenho posto nas lutas que é chamado a travar em prol dos oprimidos ou vilipendiados e, de modo geral, em favor de todos aquêles que, com uma pretensão a fazer valer, não têm, em si, como defendê-la. Consoante realçou CARNELUTTI, em pinceladas sôbre a retrocena do processo, não é sem razão que a origem latina da palavra advogado (“advocatus”, “vocatus ad”) designa um aflito pedindo socorro, e patrono (de “pater”) traz à nossa mente o heroísmo com que o defensor acode ao constituinte qual um pai acudiria ao filho.

Esgrimindo como pode, cabe censurá-lo, em certos lances, pelas estocadas menos desportivas que desfira, pelos golpes menos regulamentares que desanque. Deve-se, no entanto, admirá-lo pela sua pugnacidade sem remitência e pela centelha de altruísmo que o impulsiona no duelo, onde a sua personalidade é o anteparo que imuniza e protege a de outrem.

No ensejo em que passais a pertencer, numa lídima conquista, a essa corporação injuriada, difamada e caluniada, eu vos saúdo, bacharelandos de 1962.

O contentamento que vos domina e que se comunica ao paraninfo tem ainda um motivo particular. O vosso bacharelato não é um bacharelato qualquer, e sim o que emana da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. É incontestável que tal circunstância traduz um galão suplementar no oficialato que encetais. Apesar dos pesares, a nossa Academia goza de enorme prestígio, e vós o sentis. Por que viestes competir, faz já cinco anos, com centenas

de outros rapazes, no concurso de habilitação, em que só os muito fortes colheriam a palma da vitória? Por que optastes por esta Casa e não outra, a despeito da dificuldade do acesso, originária do elevado número de candidatos e da limitação das vagas? A resposta é intuitiva. E significa o panegírico de uma instituição rica de glórias e que teima em engrandecê-las e aprimorá-las.

Avaliastes as nossas debilidades e deficiências, vistes de perto as nossas mazelas. Muito do que aqui fazemos — ou nos isentamos de fazer — não ajudaria em nada a nossa beatificação. Mas se um sortilégio vos autorizasse retroceder no carro do tempo, numa portentosa marcha à ré inversa à da fantasia de WELLS, e assim vos removêsseis de súbito para o marco zero da época dos vestibulares, não é exato que ainda preferiríeis matricular-vos nesta Faculdade, com todos os seus erros e com todos os seus desvirtuamentos?

Uma esteira luminosa estende-se do nascimento da nossa escola até a atualidade. Vislumbram-se sombras, também, em algumas passagens, mas é perceptível a continuidade inconsútil do fanal reverberante, que pode brucholear, mas não se apaga. Os que aqui estiveram escreveram memoráveis capítulos da história do Brasil e os seus sucessores são dignos da herança transmitida. Compreende-se, de tal jeito, a ufania com que vos agasalhastes, nos melhores anos da juventude, sob estas arcadas, onde um altar se ergue à Pátria.

No umbral que por pouco já vos separa da Academia, a meditação não se furta a dirigir-se, em interrogações preocupadas, à sorte que vos aguarda lá fora. É a oportunidade da angústia, porque não se ignora que ireis curtir as horas difíceis dos entreveros em que o amor ao Direito é submetido a duras provações. Sereis acometidos pelos impactos da desilusão e da descrença, e momentos haverá em que, enojados das coisas da Justiça, tereis vontade de rasgar o diploma que a custo obtivestes. São, felizmente, tempestades transitórias, em que quase nos asfixiamos, mas que

jamais acarretam o naufrágio. Cessada a borrasca, volveis firmes ao leme do barco que leva aos vossos destinos.

Creio não existir lidador da nossa estirpe que não tenha padecido semelhantes desenganos. E é pelo que a minha própria sensibilidade já conheceu dessa amargura, a qual subverte o fígado, que deploro as vicissitudes cruéis que vos podem abrir na alma feridas de difícil cicatrização.

As atividades a que se entrega o jurista são sempre apaixonantes, mesmo quando êle não seja apenas advogado. E a paixão com que nos engolfamos nos infortúnios alheios não nos permite a qualidade de testemunhas mudas e tranquilas das torturas a que assistimos: convertêmo-nos em torturados, com uma solidariedade dolorífica tão séria e aguda como é, no Direito Civil, a solidariedade obrigacional passiva.

Inevitável será que vos farteis, então, das misérias do gênero humano. Sem, todavia, vos esquecerdes de que, enterrados os mortos, urge cuidar dos vivos. Os mortos são os injustiçados sem lenitivo, aquêles a quem, sob maldições iníquas, não chega a reparação devida pelos que os julgaram com ligeireza. Os vivos são os muitos que contam com o vosso cabedal e com a vossa tenacidade, a fim de que seja o homem menos lobo para o homem.

Servirá para vos retemperar o ânimo a reflexão de que tôda a imensa coorte a que vos integrais incide periódicamente nessa crise de desalento, em que tudo indica haver sido atingido o limite da paciência. Portanto, não permanecereis sòzinhos nas vossas agruras, o que seria, de fato, intolerável. Um psicólogo contemporâneo, ERICH FROMM, equiparando o isolamento moral à sede e à fome, previne que sentir-se alguém solitário produz a derrocada mental, mas que, afortunadamente, não é necessária uma conexão física para que o isolamento se quebrante. O isolamento material só é insuportável quando implica em isolamento moral. A conexão espiritual, que nos salva, pode assumir diferentes maneiras: na sua cela, o monge que se encerra na oração, o prisioneiro político segregado de todos os seus

correligionários reputam-se unidos aos seus acólitos e não se acham sós. Há elos ideológicos que lhes transfundem a correlação exterior. O cientista de *O medo à liberdade* subscreve, assim, o conceito de BALZAC, segundo o qual os anacoretas, na sua contemplatividade, habitavam o mais populoso dos mundos, o mundo dos espíritos.

Nos transe do vosso desespêro, estareis vinculados pelos laços invisíveis da fraternidade de muitas legiões de companheiros, que sofreram como vós e vos atestam a sua compreensão.

Cumpre explicar o anacronismo da minha saudade. Da saudade antecipada e, pois, extemporânea. Se ainda não vos ausentastes, e todos exultam de entusiasmo na festividade de conagração, que é que faz, nesta alocução, a palavra pesarosa, tão esvoaçante e sutil que só a língua português, na sua flexibilidade, logrou contê-la? Por que saudade?

Sinto-a adiantadamente por mim e por vós, como intérprete “ad hoc” das vossas tendências, encargo que a condição de paraninfo me empresta.

A despedida é o comêço do desencontro. Enveredareis pelas mais variadas direções e, reciprocamente, vos perdeis de vista, assim como só de raro em raro terei ocasião de vos falar. Acontecerá como ao término das excursões turísticas, quando todos se permutam endereços. Poucos, porém, sem embargo dos protestos em contrário, irão dar prosseguimento, da semana imediata em diante, ao intercâmbio que fôra intenso e parecia uma situação definitiva. A vida é assim e não podemos modificá-la.

Contudo, os diplomados por esta Faculdade seguem o sistema de se reunirem em tórno a uma mesa de jantar, pelo menos cada cinco anos. Já participei, como convidado, de algumas dessas comemorações de ex-alunos, nas quais respeitáveis individualidades se esfalfam por abstrair o grisalho dos seus cabelos e a pompa das suas posições, para baixar — árduo desiderato! — à irresponsabilidade de uma tertúlia estudantil. Mas é aí que a saudade se pronuncia

mais recalcitrante, ao repararmos quão longínquos estamos, psiquicamente, da solenidade igual a esta, que, sem remédio, vai ficando recuada na fimbria do horizonte.

Ainda como analista dos vossos sentimentos, mas também por iniciativa própria, venho secundar, ardorosamente, a homenagem tributada ao Professor ANTÔNIO FERREIRA DE ALMEIDA JUNIOR, erigido à categoria de patrono desta turma, no ano em que um imperativo legal, que se instituiu na previsão dos efeitos de acontecimento biológico a êle não aplicável, o retirou da cátedra. Seus setenta anos não impediam que, ao aposentar-se, fôsse o mais jovem dos nossos professôres, pela incansabilidade da sua simpática eficiência.

No ativo, que há pouco se calculou por alto, dos formados em institutos como êste, deve-se incluir a largueza da cordialidade com que não apenas acolhem no seu círculo, mas conferem lugar de honra, a um médico, ALMEIDA JÚNIOR, enaltecendo-o como cidadão-bacharel, título que agora proponho lhe seja concedido, à semelhança daquele outro, cidadão-paulistano, que se prodigaliza, nem sempre com justeza, aos que não nasceram nos rincões de Piratininga. Êle prezou de modo extraordinário a nossa escola e serviu-lhe com inexcedível devoção.

Por isso, a lembrança de ALMEIDA JÚNIOR será uma evocação sugestiva. Suas aulas eram modelares, pelo equilíbrio da exposição correta e completa, em desataviado e puro vernáculo, cristalino e leve como água da fonte. Sempre com incisivas observações colhidas na realidade cotidiana e com ferreteadas irônicas, a sua jovialidade amarrava o ouvinte à fluência da explanação, donde brotaria, de repente, uma saudável anedota médico-legal, adequada à cura do sono das oito da manhã ou dos serões avançados do período noturno. Conta-se que, certa vez, um rapaz, sentado na primeira fila, se absteve de rir. Porque era repetente...

Professor por vocação e temperamento, percorreu, durante meio século, tôdas as etapas do magistério, e em cada

uma dessas fases foi um expoente. Nas sessões da nossa Congregação, o que êle ponderava era sempre ouvido como o alvitre de um colega lúcido e arguto, reto e objetivo, que apreciava com acuidade os mais complexos e inesperados aspectos das questões debatidas e conhecia por miúdo o cipoal da legislação do ensino, — fundamento que se acresce para ser promovido, honorariamente, a bacharel.

A educação — tôda a sua teoria e a sua prática diuturna — constituía-lhe o fulcro de cogitações pertinazes e construtivas. Sob o seu retrato, que merece coloquemos na sala Amâncio de Carvalho, o dístico que calhará é êste: ALMEIDA JUNIOR, educador.

Escusado referir que se desincumbia com escrúpulo da obrigação de... persuadir a estudar, que é como os mais desinteressados em ilustrar-se descobrem que gostam da matéria.

Sua assiduidade era tão integral, que, no remoto noviciado da sua livre docência, um dos velhos catedráticos lhe revelou, à puridade, que aquilo já estava causando certo mal-estar, não pròpriamente aos alunos, mas a alguns dos reumáticos lentes, afeitos a muitas folgas extras. A inovação da freqüência desabrida era chocante. Desrespeitava os usos e costumes.

Há de perdoar o querido companheiro essas irreverentes recordações, sem as quais os traços do seu perfil ficariam muito incompletos.

Princípio impessoal para hipóteses gerais, a lei conduz, na efetividade do seu alcance, a absurdos como êsse que ocorre com o catedrático de Medicina Legal, que continua a prestar à nação relevantes serviços, em tôda parte onde aparece, mas foi proibido de ocupar na Universidade a sua cadeira.

Como me é doloroso ter empregado as formas do pretérito, perfeito e imperfeito, para aludir à presença do emérito professor nestes auditórios!

Entretanto, a nossa missão é mesmo preparar gerações e gerações de moços, instruí-los, adestrá-los, incutir-lhes o

exemplo a que somos adstritos, adverti-los com insistência quanto ao seu papel histórico e social, isso durante alguns fugazes decênios, até que nos apanhe a invalidez, a morte ou o art. 191, n.º II, da Constituição.

E quem se recordará de nós, depois? sussurra-nos desconsoladamente a nossa vaidade. Mesmo o âmbito da influência que nos compete é restringido pelas imposições da divisão do trabalho. Numa recente festa de formatura realizada no Teatro Municipal, procurei penetrar, pela apropriada porta dos fundos, nas dependências reservadas aos diplomandos e aos professores. Uma formosa quintanista, que já ostentava a sua beca, exercia a vigilância imprescindível para vedar a introdução de indesejáveis. Quando eu quis esgueirar-me, afastou-me, com um gesto cortês, mas decisivo.

— Eu sou professor, esclareci.

— Da orquestra? indagou ela.

Como me calasse, atônito, consentiu, meio na dúvida:

— Então, pode entrar.

E assim fui admitido no Teatro Municipal como músico, e dos bons.

Mas, afinal, que é que ambicionamos ser, no magistério superior, senão os regentes de uma sinfonia sem dissonâncias, cujos acordes hão de provir da nossa harmonia com os discípulos, em uníssono todos com a tonalidade cívica que é a tradição impostergável desta Casa?

O espetáculo da hora que vivemos é a atordoante “mise en scène” de trágicos antagonismos, em que os valores culturais correm o risco de perecer. De todos os lados a que se voltam os olhos da nossa intranqüilidade, sopra o vendaval cálido da discórdia. Como na imagem da encíclica papal destes dias, afigura-se que nos situamos junto à cratera de um vulcão prestes a irromper no descabro da catástrofe. Estremecemos de apreensões e elevamos — os que veementemente queremos a paz — a nossa prece ao

Criador, para que nos preserve dos cataclismos que podem vir.

Na ressonância perene do Direito, eixo de gravitação da nossa existência, buscamos as energias com que haveremos de repelir os ímpetos insolentes da desagregação e da ruína.

Meus amigos bacharelados, excluamos o pessimismo e confiemos: ainda desta feita não se abalarão os sólidos pilares que sustentam o vetusto mosteiro de São Francisco, cidadela de brasilidade sob a benção de Deus.